

O grande contra o pequeno: discurso e identidade na crônica futebolística brasileira

Marcelo Fila Pecenin¹

¹Departamento de Letras – Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)
Rodovia Washington Luís (SP – 310), Km 235 – 13565-905 – São Carlos – SP – Brasil
marcelofila@yahoo.com.br

***Abstract.** In this paper I present reflections about the discursive construction of identities, through the analysis of an archive composed by newspaper columns and articles, released from April 2004 to June 2005, about often victories of Brazilian football (soccer) small teams over the great ones, mainly during championships finals, periods in which the great clubs were used to win. I also intend to indicate that identities spread over the Brazilian society act like interdiscourse in the discursive construction of our football identities, and, by the same process, these identities may take part in the reconstruction of the national identity.*

***Keywords.** discourse; interdiscourse; identity; football (soccer).*

***Resumo.** Neste artigo busco apresentar reflexões sobre a construção discursiva das identidades, por meio da análise de um arquivo composto por crônicas e artigos publicados entre abril de 2004 e junho deste ano que abordam as freqüentes vitórias de times pequenos sobre times grandes do futebol brasileiro principalmente nas etapas finais dos campeonatos, período em que as grandes equipes quase sempre levavam a melhor. Procuro mostrar também que as identidades em curso na sociedade brasileira operam como interdiscurso na construção discursiva das identidades do nosso futebol, e, pelo mesmo processo, essas identidades podem participar da reconstrução da identidade nacional.*

***Palavras-chave.** discurso; interdiscurso; identidade; futebol.*

1. Introdução

Há cerca de três anos, no futebol, os times pequenos têm vencido os times grandes com certa freqüência e, sobretudo, nas fases decisivas (finais) dos campeonatos, em que o predomínio era geralmente dos grandes. No Campeonato Paulista de 2004, por exemplo, São Caetano, fundado há apenas 15 anos, e Paulista de Jundiaí disputaram um título que até então pertencia basicamente apenas a Corinthians, Palmeiras, São Paulo e Santos. Aproximadamente no mesmo período, o Santo André derrotou o Flamengo dentro do Maracanã e faturou a Copa do Brasil. Neste ano, o Volta Redonda deixou para

trás Botafogo, Vasco e Flamengo para disputar com o Fluminense a final do campeonato estadual do Rio de Janeiro. Coisa semelhante aconteceu ao Ipatinga, que, pelo campeonato do estado de Minas Gerais, venceu o Atlético Mineiro para jogar a final com o Cruzeiro. Mais recentemente, foi a vez do Paulista de Jundiaí ficar com a Copa do Brasil, após vencer o Fluminense.

Esses acontecimentos provocaram uma certa efervescência discursiva na crônica esportiva da imprensa escrita brasileira, que produziu diversos textos sobre o assunto, construindo discursivamente identidades para esse insólito cenário do nosso futebol e seus actantes –os times grandes e pequenos.

Dado isso, neste trabalho busco apresentar reflexões sobre a construção discursiva dessas identidades, a partir da análise de um arquivo composto por crônicas e artigos publicados entre abril de 2004 e junho deste ano em alguns jornais, revistas e sites cujo tema principal é o futebol. É indispensável ressaltar que não são definitivas as considerações feitas aqui sobre identidade e seu processo de formação, já que, de acordo com Hall (2001), o próprio conceito de identidade é demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido na ciência social contemporânea para ser testado de modo peremptório.

Vale lembrar que este trabalho é um recorte de um outro trabalho, mais extenso e abrangente: meu projeto de Mestrado, pela UFSCar (Universidade Federal de São Carlos), cujo objetivo é avaliar a forma de regulação de identidades em construção a partir de discursos sobre o futebol brasileiro produzidos pela e na mídia. Para tanto, analisar-se-ão, com base nas teorias do discurso foucaultiana e da Análise do Discurso francesa, notadamente elaborada por Michel Pêcheux, os processos discursivos que levam à produção dessas identidades nas crônicas esportivas escritas e em outros gêneros –propagandas, por exemplo– em circulação em épocas de Copa do Mundo, quando está mais aflorada a necessidade de uma identidade nacional única e consistente, que, apesar de escamotear as diversas identidades locais, afirma nossas qualidades e nos diferencia de modo positivo dos demais países, afinal, segundo Fernández (1974), os países subdesenvolvidos vêm no esporte a oportunidade de derrotar as nações que os subjagam no âmbito sócio-econômico. A necessidade e a importância de se estabelecer uma massa de textos, verbais e não-verbais, de espaço e tempo definidos deve-se à afirmação de Pêcheux (1988), para quem o discurso é produzido em determinadas condições sociais e históricas, sendo, portanto, o lugar de materialização do processo enunciativo e de articulação da língua com a História.

2. Os times grandes e pequenos no futebol brasileiro

Até o presente momento, falei sobre times grandes e pequenos do nosso futebol, mas ainda não os defini.

Pois bem, os times grandes são em geral mais antigos, tem grande poder econômico e, por isso, contratam os melhores e, conseqüentemente, mais caros jogadores. Assim, tornam-se o espaço do futebol-arte, aquele que melhor identifica o futebol brasileiro como um todo¹. Instalados nas capitais de seus estados de origem, tais equipes também foram mais vezes campeãs, razão pela qual detêm as maiores torcidas do país.

Os times pequenos, por outro lado, apresentam inversamente as mesmas características: são mais novos e, portanto, com menos tradição, arrecadam menos dinheiro e têm poucos torcedores. Marcadamente representantes do interior, formam seus próprios atletas ou contratam os desconhecidos, menos habilidosos, o que lhes confere o estatuto de equipes “brigadoras”, “raçudas”, que, na falta de talento, dispõem somente da garra, da valentia e da determinação física de seus jogadores.

3. Arcabouço teórico

Além da teoria do discurso elaborada por Foucault e da Análise do Discurso de linha francesa, suportes centrais tanto em meu trabalho de Mestrado quanto neste estudo aqui apresentado, também emprego dois princípios sobre a relação futebol/sociedade que apontam basicamente para uma mesma direção: o primeiro é de Foer (2004), segundo o qual o futebol é parte da comunidade, da economia, da estrutura política, enfim, é um microcosmo singular; o segundo foi pensado por Kuper (1996) e afirma que o futebol trata-se de um enorme espelho que reflete a sociedade em que vivemos.

Partindo desses pontos em comum, acredito que as mesmas identidades em curso na sociedade brasileira apresentam-se reformuladas no futebol, na sua representação discursiva dentro da crônica esportiva e em outros gêneros-suportes para os quais serve de mote, por meio do interdiscurso², porque, além de o “esporte bretão” ser um fenômeno sociocultural em nossa sociedade (cf. Fernández, *idem*), é no e pelo discurso que a identidade é construída (Coracini, 2004).

Pelo mesmo movimento, a construção discursiva da identidade do nosso futebol e de seus actantes reconstrói a identidade nacional como um todo, porquanto os sentidos são sempre referidos a outros sentidos e é daí que eles tiram sua identidade (Orlandi, 1996).

Com relação ao conceito de identidade, é possível defini-lo na modernidade, consoante Sousa Santos (2001), pelo de subjetividade, que significa um modo de pensar, de agir, de sonhar, de amar, enfim, modo de ser que recorta o espaço, formando um interior e um exterior (Rolnik, 2000).

Convém ressaltar que identidades ou subjetividades são, de fato, identidades ou subjetividades em curso, pois são formadas a partir da combinação de negociações de sentidos, polissemia, choques de temporalidade (Sousa Santos, *idem*). Em outras palavras, são processos vivos e móveis, feitos de forças e discursos provindos de diferentes meios –profissional, familiar, sexual, econômico, político, cultural, informático, turístico etc. (Rolnick, *idem*).

Ainda, assim como fez Coracini (*idem*), eu ousaria executar um deslocamento foucaultiano e acrescentar os jogos de poder a esse conjunto de forças, pois o sujeito não é só uma construção social, mas também discursiva e, enquanto construção discursiva, esse sujeito é interpelado por relações de poder, uma vez que estas são veiculadas pelo lugar onde se exerce o poder: o discurso. É preciso esclarecer que esse poder de que falo é aquele teorizado por Foucault (1992), no livro *Microfísica do poder*. Isto é, o poder é uma ação sobre ações, condução de condutas ou governo cujas formas e lugares são múltiplos numa sociedade. Não há um princípio fundador e primário de poder; pelo

contrário, ele é definido pelas múltiplas formas de disparidade individual, de objetivos, de determinadas aplicações sobre nós mesmos e sobre os outros. Com isso, quero dizer que pela construção de subjetividades também é responsável o poder, que, também de acordo com Foucault (1995), categoriza o indivíduo, marca-o com sua própria identidade, impõe-lhe uma lei de verdade. O poder divide e classifica o sujeito, faz do indivíduo sujeito.

Para efeito de análise e considerando a problemática das identidades ou subjetividades dos times de futebol, realizo um deslocamento para pensar nelas não como a caracterização/categorização de um indivíduo; mas sim de uma coletividade, do grupo de jogadores que constituem as equipes.

Quanto aos textos analisados, eles foram reunidos em um pequeno arquivo, ao qual Foucault (1986) define como toda massa de textos que pertencem a uma mesma formação discursiva. Também é um conceito trabalhado pelo filósofo francês, o termo formação discursiva indica um conjunto de regularidades internas que condiciona enunciados de mesmo ou diferente tipo, que manifestam uma incessante vontade de verdade (cf. Baronas, 2004). O arquivo analisado neste estudo é composto por: seis crônicas escritas, retiradas do jornal Lance! e dos sites Gazeta Esportiva, Folha On-line e revista Placar; e um artigo publicado na revista Giro das Estradas, edição maio/junho de 2005.

4. O grande contra o pequeno: identidades em jogo

Pela minha leitura, percebi que não só os times grandes e pequenos foram identificados discursivamente nas crônicas, mas também o acontecimento de que são actantes, ou seja, as incomuns, porém ultimamente freqüentes vitórias dos times pequenos sobre os grandes.

Sendo assim, já a partir da análise dos processos de caracterização discursiva do acontecimento em questão é possível chegar à construção, também efetuada também discursivamente, das identidades dos times envolvidos.

Por meio da recorrência e da intercambialidade entre as palavras “crise” e “desgraceira”, que pode ser verificada nas seqüências discursivas

(1) Meu assunto é a desgraceira dos campos, os quatro grandes [times do Rio de Janeiro: Flamengo, Fluminense, Botafogo e Vasco] penando para permanecer na primeira divisão (XAVIER FILHO, S. Derrubem o Maracanã. *Revista Placar*. Disponível em: www.placar.com.br. Acesso em: abril 2005).

(2) Não vamos chover no molhado e dizer que o futebol carioca está em crise (XAVIER FILHO, S. *idem, ibidem*).

é materializado lingüisticamente um efeito de dramaticidade, traço semântico peculiar das palavras em questão, que caracteriza o acontecimento como algo que torna

decadente o futebol brasileiro, algo ruim, uma desgraça, para cuja solução, preconiza radicalmente o enunciador de (1) e (2), é derrubar o Maracanã, estádio onde o Flamengo reinou por muitas décadas. Além disso, em (2), ao dizer que o futebol carioca está em crise, o enunciador refere-se exclusivamente aos insucessos dos times grandes e, assim, afirma o pertencimento somente dessas equipes ao que ele denomina de futebol do Rio de Janeiro, excluindo os times pequenos e promovendo um apagamento no fato de que as atuais predomínio dos clubes menos tradicionais pode significar, por exemplo, uma renovação no esporte daquele estado.

Aparecem também, em outras passagens do arquivo, outras expressões, tais como “vergonha”, “buraco”, “tempo ruim”, “mal do futebol brasileiro”, “bagunça” e “absurdo”, que seguem na mesma direção semântica compondo enunciados cuja base vertical abriga um pré-construído³, segundo o qual a ordem desejada e necessária para o “bem” do futebol brasileiro são os times grandes vencendo pequenos. Como exemplos destaco a seqüência abaixo, sobre a derrota do Fluminense para o Volta Redonda no campeonato estadual do Rio de Janeiro deste ano, e o título da crônica que a compreende:

(3) Ao contrário do que pensam os botafoguenses, (...) todo mundo vive momentos de absurdos (TRAJANO, J. O Volta Redonda bagunçou de vez o futebol. *Lance!*. São Paulo, 12 abril 2005. p. 3).

Um outro resultado encontrado é a atribuição de uma temporalidade efêmera à situação em questão –os times pequenos vencendo os times grandes. O emprego sucessivo da palavra “momento” atribui um efeito de volatilidade aos sucessos dos times pequenos, que, para os enunciadores das crônicas analisadas, são passageiros, momentâneos. É o que se pode aferir logo acima, em (3), e no enunciado a seguir:

(4) O momento é dos nanicos (CORRÊA, R. A grande finalzinha do Paulistão. *Revista Placar*. Disponível em: www.placar.com.br. Acesso em: abril 2004).

Como afirmei anteriormente, analisando a categorização discursiva da conjuntura é exequível verificar as partes envolvidas, a saber: os times grandes e os pequenos.

Ao caracterizar a situação como crise, desgraça, absurdo e bagunça, o discurso manifestado pelas crônicas ressalta muito mais o fracasso dos times grandes do que o êxito dos times pequenos, afirmando, assim, o pertencimento daqueles às qualidades pelas quais são tradicionalmente conhecidos, sobretudo a do bom futebol, do futebol-arte, difícil de ser batido, a não ser que seja pelos seus próprios erros, os quais, ainda assim, são passageiros.

Inversamente, os times pequenos têm discursivamente seu retrospecto vitorioso desqualificado e, destarte, são subjetivados como meros coadjuvantes, ocupantes de posições subalternas na classificação dos campeonatos, cujo sucesso sobre os rivais

grandes, além de advir da incompetência destes, engendra balbúrdia no futebol brasileiro.

Quando há elogios a esses times, como, por exemplo, nos seguintes enunciados:

(5) As duas equipes [São Caetano e Paulista de Jundiaí, finalistas do Campeonato Paulista de 2004] colocaram o coração e a cabeça na ponta da chuteira (COZAC, J. R. Justiça e injustiças na reta final do Paulistão. *Gazeta Esportiva*. Disponível em: www.gazetaesportiva.net. Acesso em: abril 2004)

(6) O que ninguém sabia é que essa gente [os times do Volta Redonda e do Ipatinga, respectivamente finalistas dos campeonatos estaduais do Rio de Janeiro e de Minas Gerais em 2005] tinha nervos de aço (TRAJANO, J. idem, ibidem)

eles dizem respeito à garra, à luta e à força de vontade, reiterando o pertencimento das equipes pequenas às propriedades que mencionei no início (cf. 2. *Os times grandes e pequenos no futebol brasileiro*) e, conseqüentemente, afirmando a exclusão dos times pequenos ao emblemático do futebol do Brasil –talento, dribles, habilidade e técnica com a bola nos pés. Usado em (5), o lugar-comum “colocar o coração na ponta da chuteira” é uma amostra da materialização desse efeito produzido discursivamente na identidade dos times pequenos.

No início, disse que a construção de identidades/subjectividades no discurso deve-se a, entre outros fatores, relações de poder. Neste caso, a construção identitária dos times grandes e dos times pequenos decorre de um jogo de poder envolvendo a imprensa, os próprios times grandes e seus torcedores.

Como ensina Freitas Filho (1985), o jornalismo serve-se da fascinação do esporte para transformá-lo em lucro e prestígio. Em troca, beneficia as próprias entidades esportivas –no caso, os times grandes– fazendo-as operar como um negócio altamente rendoso para ambos. Em outras palavras, a imprensa, com o intuito de transformar em leitora/consumidora a gigantesca massa de torcedores dos times grandes, cria a “ilusão de completude, de verdade, de inteireza, de identidade” (Coracini, idem) para esses times, o que pode levar tais torcedores a se identificarem com o que é enunciado, mantendo ou aumentando, dessa forma, a compra de ingressos e o lucro das grandes equipes. Neste sentido, convém acrescentar que, segundo Mariani (1999), a imprensa recorta (interpreta) a realidade de maneira a atender a seus interesses econômicos e, no caso que analiso, escreve/fala o que os torcedores querem ler/ouvir para, destarte, controlar sua conduta, seu modo de ação, tornando-os consumidores de informação, clientes dos meios de comunicação.

Falando do lugar social de cronista, os enunciadores do arquivo analisado são predicados pelas formações discursivas e formas de poder às quais estão afiliados os veículos de comunicação onde trabalham e, sendo assim, torna-se muito mais conveniente para esses sujeitos ressaltar que a culpa está nas falhas momentâneas dos “inabaláveis” times grandes⁴, do que admitir que essas equipes já não dispõem mais de craques, ou do que perceber que há, de fato, bastante equilíbrio entre grandes e

pequenos, de modo que as recorrentes vitórias destes sobre aqueles não são absurdo ou desgraça, mas sim resultado desse equilíbrio.

E se “o poder precisa de ídolos para sobreviver” (Freitas Filho, 1985, p. 58), nada melhor para imprensa e para os times grandes do que criar para esses times, detentores das maiores torcidas, uma identidade absolutamente vencedora, inabalável, digna de idolatria, porém não de questionamentos.

Os times pequenos também não escapam a essa forma de poder. Sua subjetivação como coadjuvantes é uma manobra discursiva para mantê-los inferiorizados –manobra que funciona quando seus jogadores e técnicos identificam-se com esse discurso.

5. Futebol e sociedade no Brasil: identidades em jogo

E qual a correspondência entre a construção discursiva de tais subjetividades e a sociedade em que se desenrola? Onde está a interdiscursividade nesse processo e como ele é formador da identidade nacional? Vou explicar.

Oriundos do interior dos estados do Brasil, os times pequenos também são designados como caipiras. A não-valorização de seu sucesso é a reformulação interdiscursiva de um discurso desenvolvimentista, industrializador, de desqualificação e marginalização do que é rural, oriundo do campo, da roça. Altamente circulante na sociedade brasileira desde o milagre econômico dos anos 70, quando o Governo forjou uma política de industrialização exacerbada, esse discurso atualiza a memória social de uma zona rural ainda com casas de sapé, arcaica e tecnologicamente anacrônica, do menino pobre, provindo da roça, que tem de se desdobrar, ou melhor, colocar o coração na ponta chuteira, para competir com o garoto genial e moderninho da cidade.

Além disso, foi possível encontrar uma outra voz da modernidade, que ecoa nos enunciados abaixo, os quais creditam o êxito dos times pequenos à aplicação da gestão empresarial:

(7) Os salários são modestos [nos times pequenos], mas com gestão empresarial e estrutura profissional eles montam times cada vez mais eficientes (GIRO DAS ESTRADAS. Paixão nacional. São Paulo, maio/junho 2005. pp. 16-21)

(8) Faltava [aos times pequenos] estrutura profissional, com gestão moderna e empresarial, como existe hoje não só em São Paulo. (GIRO DAS ESTRADAS. *idem*, *ibidem*).

Os sintagmas nominais “estrutura profissional” e “gestão empresarial”, e outros elementos urbanos a eles correlacionados e que aparecem em outras crônicas (por exemplo, “marketing agressivo” e “investimento”), caracterizam um discurso modernista de profissionalização dos modos de produção e de cópia dos modelos empregados nos países de Primeiro Mundo, ao qual ultimamente tem aparecido como

uma verdade no futebol brasileiro e que em nossa sociedade circula desde que o ex-presidente Fernando Collor de Melo prometeu revolucionar a economia com ostensiva abertura do mercado nacional para tecnologia estrangeira.

Já no processo inverso da construção de subjetividades pelo discurso, isto é, do futebol para a nação, no caso o Brasil, o arquivo de textos e os discursos que veicula podem, à medida que esses discursos são reproduzidos em outros gêneros e por outros enunciadores que não a crônica esportiva e os cronistas, respectivamente⁵, fazer com que os dizeres permaneçam, garantindo a memória social, que, por sua vez, é responsável pela manutenção da tradição, dos aspectos culturais e dos conhecimentos que herdamos, em consonância com os interesses de quem detém o poder em um dado momento histórico. (Foucault, 1986).

No acontecimento estudado, a transposição interdiscursiva das identidades (locais) dos times grandes e pequenos, bem como do sucesso destes sobre aqueles, para um espectro social mais amplo, reforça uma identidade nacional desenvolvimentista, que afirma a desqualificação e a exclusão da cena agrária e de seus personagens.

6. Conclusão

Por meio da análise dos processos discursivos empregados em um arquivo de crônicas esportivas da imprensa escrita brasileira e que levaram à construção das subjetividades dos times grandes e pequenos numa situação insólita de êxitos destes sobre aqueles, procurei apresentar reflexões sobre essa construção identitária feita no e pelo discurso e motivada por, entre outros fatores, uma relação de poder. Procurei mostrar também, ainda que de maneira não tão extensa quanto à que pretendo levar a cabo na continuação de meu Mestrado, como as identidades em curso na sociedade brasileira operam como interdiscurso na construção discursiva das identidades do nosso futebol, e como, pelo mesmo processo, essas identidades, ainda que locais, podem participar da reconstrução da identidade nacional.

Legitimada como um espaço de saber sobre futebolístico, a crônica esportiva sustenta uma relação de poder envolvendo a imprensa, os times grandes e seus torcedores, cujo objetivo é transformar os últimos em leitores/consumidores de informação e assegurar o lucro e o prestígio da imprensa e desses times. Para tanto, as crônicas criam discursivamente para as grandes equipes uma identidade que afirma seu pertencimento às propriedades de um futebol talentoso, merecedor de idolatria, cujos fracassos ante times mais fracos decorrem de seus próprios erros, passageiros. O discurso veiculado pelas crônicas analisadas desqualifica os êxitos das equipes pequenas e caracteriza como crise, desgraça e absurdo a situação de malogro dos times grandes, apagando o recente equilíbrio técnico entre essas equipes, para possibilitar a identificação de seu discurso com o que os torcedores dos times grandes, a maioria no país, querem ler/consumir.

É possível afirmar, assim, que o arquivo de crônicas esportivas funcionou, no caso estudado, semelhantemente ao que Guattari (1994) nomeia de equipamento coletivo de subjetivação, isto é, uma máquina social e retórica que engendra subjetividades. Ou ainda, como o que Rancière (1996) entende por polícia: conjunto de processos pelos quais se operam a agregação e o consentimento das coletividades, a

distribuição dos lugares e das funções e os sistemas de legitimação dessa distribuição – tudo em favor da imprensa e dos times grandes.

Com este trabalho, acredito ter contribuído sensivelmente para o andamento da minha pesquisa de Mestrado, pois se tratou, como disse anteriormente, de um estudo sobre uma modalidade local de identidade que integra a formação da identidade nacional do futebol brasileiro. Espero, também, ter apresentado contribuições para o desenvolvimento de outros trabalhos em Lingüística, discurso e identidade.

7. Notas

¹ Entretanto, é bem verdade que, graças à péssima administração das finanças e ao elevado capital dos clubes europeus, os times grandes já não conseguem manter os excelentes jogadores, alcunhados de craques, no Brasil por muito tempo, o que leva o famigerado futebol-arte para a Europa e equilibra a diferença técnica entre grandes e pequenos nos gramados brasileiros.

² Segundo Courtine (1999), interdiscurso são séries de formulações discursivas marcando, cada uma, uma enunciação distinta e dispersa, articulando-se entre elas em formas lingüísticas determinadas: citando-se, repetindo-se, parafraseando-se, opondo-se, transformando-se.

³ Consoante Pêcheux (1988), pré-construídos, também conhecidos por já-ditos, já-lá, são os pré-asseridos que antecedem o asserido.

⁴ Essa é uma forma de fazer os torcedores se identificarem com o que está escrito e tentar governar suas condutas no sentido de convertê-lo em leitores.

⁵ Como, por exemplo, numa entrevista de um jogador, na palestra de um treinador a seus comandados, durante uma conversa informal na escola, no escritório, no bar, no ponto de ônibus etc.

8. Referências bibliográficas

BARONAS, R. L. Formação discursiva em Pêcheux e Foucault: uma estranha paternidade. In: SARGENTINI, V.; NAVARRO-BARBOSA, P. (orgs.) *Michel Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade*. São Carlos: Clara Luz, 2004.

CORACINI, M. J. Sujeito, identidade e arquivo. Entre a possibilidade e a necessidade de dizer(-se). In: *Anais do Seminário Internacional Michel Foucault: Perspectivas*. 2004. Cd-rom.

CÔRREA, R. A grande finalzinha do Paulistão. *Revista Placar*. Disponível em: www.placar.abril.com.br. Acesso em: abril 2004.

COURTINE, J. J. O Chapéu de Clémentis. Observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso político. In: INDURKY, F.; FERREIRA, M. C. L. (orgs.). *Os múltiplos territórios do discurso*. Porto Alegre: Ed. Sagra Luzzatto, 1999.

- COZAC, J. R. Justiça e injustiças na reta final do Paulistão. *Gazeta Esportiva*. Disponível em: www.gazetaesportiva.net. Acesso em: abril 2004.
- FERNÁNDEZ, M. C. L. O. *Futebol – fenômeno lingüístico*. Rio de Janeiro: Documentário, 1974.
- FOER, F. *How soccer explains the world*. USA: Harper Collins, 2004.
- FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.
- _____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1992.
- _____. O sujeito e o poder. In: RABINOW, P; DREYFUS, H. (orgs.). Michel Foucault. *Uma trajetória filosófica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- FREITAS FILHO, L. A cobertura esportiva no rádio e no jornal. In: DIEGUEZ, G. K. (org.). *Esporte e poder*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- GUATTARI, F. Da produção de subjetividade. In: PARENTE, A. (org.). *Imagem máquina*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.
- GIRO DAS ESTRADAS. Paixão nacional. São Paulo, maio/junho 2005. pp. 16-21.
- HALL, S. *Identidade cultural na pós-modernidade*. 5ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- KUPER, S. *Football against the enemy*. UK: Phoenix, 1996.
- LANCENET. História de quatro coitadinhos. Disponível em: www.lancenet.ig.com.br. Acesso em: abril 2005.
- MARIANI, B. S. C. Sobre um percurso de análise do discurso jornalístico: a revolução de 30. In: INDURKY, F.; FERREIRA, M. C. L. (orgs.). *Os múltiplos territórios do discurso*. Porto Alegre: Ed. Sagra Luzzatto, 1999.
- ORLANDI, E. P. *Discurso e entremeio*. Campinas: Unicamp, 1996.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso*. Campinas: Unicamp, 1988.
- PERON, H. Uma nova realidade no futebol brasileiro. *Folha On-line*. São Paulo, 5 maio 2005. Disponível em: www.folha.uol.com.br. Acesso em: 5 maio 2004.
- RANCIÈRE, J. O dissenso. In: NOVAES, A. (org.). *A crise da razão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- ROLNIK, S. Uma insólita viagem à subjetividade. Fronteiras com a ética e a cultura. In: LINS, D. (org.). *Cultura e subjetividade. Saberes nômades*. 2ª ed. Campinas: Papyrus, 2000.
- SOUSA SANTOS, B. *Pela mão de Alice*. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- TRAJANO, J. O Volta Redonda bagunçou de vez o futebol. *Lance!*. São Paulo, 12 abril 2005. p. 3.
- XAVIER FILHO, S. Derrubem o Maracanã. *Revista Placar*. Disponível em: www.placar.com.br. Acesso em: abril 2005.